



O ENSINO DA LITERATURA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE SEMIÓTICA

Wellington Alves Cavalcanti Júnior (1);
Profa. Dra. Maria Suely da Costa (2).

1. UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. wellingtonjuniors@hotmail.com
2. PROFLETRAS / Universidade Estadual da Paraíba. Mscosta3@hotmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o processo de ensino de literatura na perspectiva da análise semiótica e do conceito de leitor imersivo, discutindo as práticas de leitura para formação do leitor literário na perspectiva do letramento. A compreensão é que um dos maiores e mais ousados desafios da escola é propiciar aos educandos momentos que possam despertar-lhes o gosto pela leitura, afeição ao texto e a sede pela descoberta. Para este estudo, partimos da hipótese de que a relação entre literatura e cinema pode aproximar o aluno do texto literário por meio da construção de referências visuais e análise das diferentes possibilidades narrativas próprias das linguagens literária e cinematográfica. Este estudo fundamenta-se em estudos teóricos na perspectiva da análise semiótica e do conceito de leitor imersivo (SANTAELLA, 2012); do modelo interacional (KLEIMAN, 2008); do letramento literário (COSSON, 2012) e para a relação entre cinema e literatura (STAM, 2008; Figueiredo, 2010). Sendo assim, acredita-se que, a partir da realização de práticas de leitura do texto literário em associação à linguagem cinematográfica, é possível o desenvolvimento de habilidades de leitura e aproximação dos leitores iniciantes da literatura.

Palavras-chave: Literatura. Formação do leitor. Interacionismo.



1. INTRODUÇÃO

O leitor literário não nasce formado. O gosto pela leitura é construído socialmente, sendo a escola o espaço por excelência para a formação do leitor. Dessa forma, em consonância com a perspectiva interacionista, o trabalho com o texto literário em sala de aula precisa ser desenvolvido por meio de estratégias que proporcionem a interação entre o aluno e o texto e que este contato seja capaz de proporcionar uma construção de sentidos e significados capazes de expandir a visão de mundo do leitor.

Além disso, é válido salientar que o começo da adolescência, fase em que está a grande maioria dos alunos do ensino fundamental, é caracterizada por rápidas transformações no corpo e na mente, que se traduzem em inquietações e momentos de desinteresse e aparente apatia. É também um período de reflexão, dúvidas, inseguranças e de construção da identidade.

Dessa forma, a literatura e o cinema podem ajudar na ampliação da visão de mundo ao fazer com que os jovens tenham contato com narrativas que extrapolem seu universo de expectativas e possibilidades ao mesmo tempo em que, a partir do contato com textos de natureza imagética, como o cinema, sejam capazes de ler atentamente as informações visuais disponíveis nas diversas situações de comunicação social.

O trabalho com o texto literário relacionado aos elementos inerentes ao cinema, como sua composição visual, trilha sonora, figurinos, desenvolvimento do enredo, apresentação dos personagens e fotografia pode tornar o contato com a literatura mais prazeroso, ou seja, faz-se necessário a mediação da leitura por meio da criação de uma zona de interseção entre a linguagem literária e a cinematográfica, uma vez que esta última possui fortes elementos multimodais e referências ao universo cultural em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre o processo de ensino de literatura na perspectiva da análise semiótica e do conceito de leitor imersivo, discutindo as práticas de leitura para formação do leitor literário na perspectiva do letramento. Tal discussão faz-se importante, uma vez que um dos maiores e mais ousados desafios da escola é propiciar aos educandos momentos que possam despertar-lhes o gosto pela leitura e a sede pela descoberta.



2. METODOLOGIA

A elaboração de uma pesquisa passa por algumas etapas importantes antes da sua formatação final. Faz-se necessário, então, especificar a questão investigada, identificando-se a problemática e, a partir da hipótese levantada, definir a metodologia utilizada. Sendo assim, a trajetória metodológica mais apropriada para os fins a que esse trabalho almeja é a pesquisa por meio da revisão bibliográfica, uma vez que tem como objetivo constituir-se como uma base teórica para fundamentação e aplicação de uma pesquisa-ação. Esta que, uma vez voltada ao âmbito educacional, assume a configuração de “estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445).

A partir de tais definições, a presente pesquisa se caracteriza pela discussão teórica a respeito da validade e alcance do trabalho com o texto cinematográfico como fomentador da formação de leitores, utilizando-se o conceito de leitor imersivo e análise semiótica na perspectiva do letramento literário (COSSON, 2012), entendido como um nível de aprendizado que, uma vez atingido, é capaz de permitir que o leitor ascenda à condição de leitor proficiente e hábil na leitura diferenciada exigida pelos textos literários.

3. LITERATURA E CINEMA

O ser humano sempre teve uma fascinação por imagens e pela capacidade que esta possui de representar simbolicamente a realidade. Desde a antiguidade, o mito da caverna de Platão descreve um lugar escuro no qual as pessoas não podiam ver exatamente o que se passava fora, mas apenas as sombras, uma espécie de projeção defeituosa do que se passava externamente.

Na idade média, as pinturas e esculturas serviam, entre outras coisas, para retratar os feitos dos grandes heróis. No Brasil, a pintura intitulada “*O grito do Ipiranga*” do pintor Pedro Américo foi capaz de introduzir no imaginário popular a ideia de que o processo de independência do Brasil aconteceu de maneira épica e glamourosa, com D. Pedro montado em um cavalo e espada em riste. O monarca, na verdade, montava um animal de carga, provavelmente uma mula, e no lugar do uniforme militar que aparece na imagem, estava vestido como um tropeiro e acompanhado por fazendeiros, cavaleiros e pessoas comuns (GOMES, 2007).

Com o tempo, algumas criações conseguiram reinventar o contato do ser humano com a imagem: o teatro de luz, no século XVI; a lanterna mágica, no século XVII e a fotografia, surgida no século XIX. Logo, sentiu-se a necessidade de conferir movimentos a essas imagens. Em 1880, Étienne-Jules Marey publicou a obra intitulada *Le Vol des Oiseaux*, “O Voo das Aves”, em português. O livro foi produzido por meio da técnica pioneira de fotografar as várias fases do movimento para analisar como se dava a evolução dos movimentos dos animais.

A partir das técnicas desenvolvidas para reproduzir tais movimentos, a invenção do cinematógrafo¹, considerado o marco inicial da história do cinema, tornou possível a produção de filmes curtos, principalmente documentários de curta duração. Por conta disso, por muito tempo acreditou-se que o cinema fosse seguir o caminho documental. No entanto, a necessidade humana pela ficção, pela representação da imaginação por meio da mimese, fez com que o cinema se reinventasse paulatinamente e, com o tempo, ganhasse o *status* de arte.

A partir de então, assim como a grande maioria dos produtos culturais da época, o cinema voltou-se para a burguesia, que dispunha de tempo e dinheiro para manter os custos de produção, que tornavam-se cada vez maiores. Para atrair esse novo público, o cinema mudou o conteúdo, mas a linguagem narrativa continuava a mesma: eminentemente visual, filmada em único plano, sem edição e enredo pouquíssimo elaborado.

Logo, os produtores e roteiristas buscaram inspiração na literatura e por meio dos romances do século XVIII e XIX criaram as primeiras adaptações, como o curta-metragem norte-americano *Ramona* (1910), dirigido por D. W. Griffith. A motivação para a apropriação das narrativas literárias tinha, também, caráter comercial, pois, com histórias conhecidas pelo grande público, o retorno financeiro era mais garantido. Nesse cenário de ascensão do cinema,

a literatura não era apenas um repositório de histórias e técnicas narrativas a que o cinema poderia recorrer; era, assim como as outras artes mais antigas, também um exemplo a seguir no que diz respeito ao processo de constituição de um campo autônomo: ou seja, tratava-se, para o cinema, de alcançar o patamar de “dignidade cultural” que a literatura havia conquistado ao afastar-se, tanto das narrativas populares, quanto da incipiente cultura de massa sujeita à lógica do mercado. (FIGUEIREDO, 2010, p. 16).

A convergência entre as duas artes, contudo, foi limitada pela diferença de linguagens e particularidades na forma de narrar. Com isso, foi necessária a criação de um gênero condizente

1

Aparelho rudimentar capaz de projetar uma série de imagens estáticas (fotogramas), criando a ilusão de movimento e continuidade.



com a natureza cinematográfica: o roteiro, capaz de atender as exigências do cinema e deixando claro que a literatura e o cinema, apesar das aproximações em relação ao conteúdo, oferecem possibilidades narrativas bastante peculiares.

O cinema, então, por ser relativamente recente, foi capaz de se apropriar das diferentes artes existentes e que antecederam sua criação, como a pintura, o teatro, música, dança, pintura e literatura. Devido a essa natureza antropófaga, tornou-se tão rico e referencial, sendo capaz de ativar estimular várias capacidades leitoras e cognitivas em seus espectadores. Sendo assim, trazer esses elementos para escola podem enriquecer o trabalho conjunto com a literatura e cinema em sala de aula.

3.1 Literatura e cinema na perspectiva interacionista

A organização da ação pedagógica em torno de uma política de formação de leitores, na perspectiva interacionista, deve ser feita pensando-se na leitura como uma interação entre o autor e o leitor do texto por meio do diálogo e postura crítica frente à locução. Por isso, para que haja uma correlação produtiva entre teoria e prática, é necessário que se tenha uma correta compreensão sobre a concepção de leitura adotada, compreendendo o aluno enquanto sujeito leitor e não apenas como receptor passivo.

Posto isso, por meio de uma prática de leitura que prioriza a interligação de dois gêneros diferentes que se complementam, o cinema desponta como uma ferramenta de incentivo ao texto literário em um processo de leitura plural que visa o processo de interação não com um autor apenas, mas vários, uma vez que o romance e sua adaptação cinematográfica são mais que cópias veiculadas em suportes e linguagens diferentes. Tratam-se de obras completamente distintas, cujos autores imprimem suas visões e estilos nas narrativas criadas, seja ela literária ou cinematográfica.

Nesse sentido, é preciso salientar que o gênero longa-metragem possui particularidades quanto ao aspecto autoria por se tratar de uma obra conjunta na qual produtores, roteiristas e demais profissionais contribuem, de maneira cooperativa, para o produto final, ainda que o processo de produção tenha sido realizado na perspectiva do diretor, a quem geralmente é atribuída, quase que exclusivamente, a autoria da obra.

Assim, utilizando-se da complementação de vários gêneros textuais, entre eles, romance, longa-metragem, sinopse, trailer e resenha crítica, defendemos o uso do texto literário não apenas



como fomento teórico, mas como instrumento de construção de sentidos e significação mais profunda a qual toda pesquisa e atividades de leitura serão direcionadas, pois

no cotidiano da escola, mais especificamente no âmbito da sala de aula, os gêneros literários têm exercido, muitas vezes, o papel de pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua e como objetos de interpretações prontas e acabadas, e, quando não, são vistos como mero passatempo. Outro equívoco é associar a leitura literária ao mero prazer, como se prazer ou desprazer pela leitura não fosse uma produção social e cultural, pois ninguém nasce gostando ou não de ler; tendo prazer ou não pela leitura. (SILVA e SILVEIRA, 2013, p. 93)

A escola precisa conduzir o aluno para que este possa ir além da simples decodificação do texto escrito, fazendo-o interagir e realizar uma leitura condizente com as particularidades do texto literário para que possa efetivar práticas de leitura realmente significativas, tanto do texto literário quanto do texto cinematográfico, pois

a convivência com poemas, narrativas ou textos dramáticos, além da ilustração ou das imagens visuais, que passaram a integrar necessariamente o livro de literatura infantil, faz com que a criança desenvolva habilidades de manuseio, de entendimento e de relação entre linguagens diversas. Muito mais do que isso. Ela forma as referências simbólicas, afetivas e de pensamento que irão permanecer na memória e influenciar pensamentos futuros. (COSTA, 2007, p.27).

O processo de leitura do texto literário (e também do cinematográfico) aciona recursos cognitivos como a memória, atenção, concentração, estabelecimentos de relações, relação de nexo de causalidade e realização de inferências. Tal interação com o objeto de leitura contribui para atribuição de sentido e significado ao texto. Para que esse processo ocorra, é necessário que a escola ensine o aluno a explorar a literatura de forma adequada (COSSON, 2012). A elaboração de uma estratégia de ensino mais ou menos eficiente dependerá, muitas vezes, da concepção de leitura compreendida e adotada pela escola e pelo docente.

No que se refere especificamente ao texto literário, a concepção interacionista (Kleiman, 2008) considera a leitura como um processo cognitivo e perceptivo, de descobertas, de compreensão dos explícitos e implícitos inerentes à comunicação verbal.

Tal modelo parte do pressuposto de que o desenvolvimento das mais diversas capacidades do indivíduo está diretamente relacionado à forma como este interage com o objeto. No que tange

especificamente à leitura, o sentido da enunciação não estaria no indivíduo, no texto, muito menos no autor. A construção do sentido e dos significados do texto é fruto da interação entre a mensagem, produzida por meio de signos linguísticos e o receptor.

Seguindo essa linha de pensamento, Isabel Solé (1998) considera o modelo interacional mais apropriado para se compreender o processo de apropriação que se dá por meio da leitura, revelando a importância do leitor e seus conhecimentos prévios, antecipações e expectativas no estabelecimento de diálogo com o texto, com sua forma e conteúdo a serem desvelados durante essa interação.

Sendo assim, adotou-se o modelo interacional para fundamentar e nortear o trabalho conjunto com os textos literário e cinematográfico, uma vez que a proposta de intervenção presente nesta pesquisa baseia-se fundamentalmente no processo de interação entre texto, leitor/espectador e autor(es) para o desenvolvimento da capacidade leitora, do senso crítico e sensibilidade estética.

3.2 Relações entre linguagens e o conceito de leitor imersivo

A ligação do homem com as imagens vem desde os primórdios e o acompanha por várias instâncias do desenvolvimento humano, racional e intelectual. No que se refere à capacidade de representação das imagens, somos uma sociedade autorreferencial que se expressa não só por palavras, mas também por imagens, seja na publicidade, na arte, na moda ou até mesmo na ciência.

As imagens são, portanto, representações, que resumem conceitos, pensamentos e ideias, daí sua importância nas mais variadas situações de comunicação social, sendo bastante presentes, na ciência, nas artes, na publicidade e como recurso dinâmico no processo de ensino-aprendizagem, pois “toda imagem, no domínio das representações visuais, apresenta múltiplas camadas: subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas” (SANTAELLA, 2012, p. 19). Sendo assim, a leitura não se restringe a textos escritos. É possível ler gestos, cores, enfim, os mais variados signos e imagens. São tantas informações visuais que muitas passam despercebidas de nossos olhos desatentos, pois

na sociedade hodierna, em que as informações circulam rapidamente e quase sempre associadas à imagem e à oralidade, tratar da leitura para fruição parece ser assunto anacrônico e paradoxal. Ledo engano! Esta é uma discussão imprescindível, visto que o homem interage no mundo porque é capaz de lê-lo de diferentes formas, com fins e sentidos diversos. (SILVA e SILVEIRA, 2013, p. 92)

Nesse sentido, Santaella (2012), atenta para formação de um novo tipo de leitor chamado de “leitor imersivo”, que é capaz de passear por várias dimensões de conteúdos, interligando as diferentes linguagens por meio de uma leitura que é capaz de, a partir do entrecruzamento e comparação com outros textos, criar um terceiro ou quarto conteúdo.

No que se refere especificamente à leitura do texto escrito, trata-se da capacidade da apropriação e compreensão de uma escrita que está cada vez mais unida à imagem, ao som e ao movimento, própria de uma sociedade tecnológica em que as informações são diluídas em diferentes suportes, estruturas e meios de comunicação. Segundo a autora, o leitor imersivo é aquele que tem desenvolvida a capacidade leitora e interpretativa de imagens e que é capaz de compreender e interpretar, com certa desenvoltura, os diferentes níveis de representação semiótica da realidade que a linguagem visual possui.

Para que esse processo ocorra de maneira satisfatória é preciso diversificar o repertório de leituras dos alunos, desenvolvendo a criticidade e autonomia. Uma das alternativas é partir de elementos visuais, referenciais ou arquetípicos presentes no cotidiano dos alunos e do universo cultural no qual eles estão imersos ou, pelo menos, mais próximos, como a cultura pop. Não se trata, no entanto, de oferecer-lhes o que eles já podem ter acesso por meio das mídias e meios de comunicação em geral, mas utilizar essas referências para atraí-los para as narrativas e os textos literários, trazendo para a prática docente contextos que dialoguem com os interesses imediatos dos alunos e ampliar, pouco a pouco, o universo de expectativas e de leituras de mundo.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais, entendem que

a atividade construtiva, física ou mental, permite interpretar a realidade e construir significados, ao mesmo tempo que permite construir novas possibilidades de ação e de conhecimento. Nesse processo de interação com o objeto a ser conhecido, o sujeito constrói representações, que funcionam como verdadeiras explicações e se orientam por uma lógica interna que, por mais que possa parecer incoerente aos olhos de um outro, faz sentido para o sujeito. As ideias “equivocadas”, ou seja, construídas e transformadas ao longo do desenvolvimento, fruto de aproximações sucessivas, são expressão de uma construção inteligente por parte do sujeito e, portanto, interpretadas como erros construtivos. (BRASIL, 1998, p. 37)

Espera-se que o aluno, por meio do contato construtivo e reflexivo com as informações, sejam capazes de adquirir crescente autonomia e interpretar e relacionar diferentes linguagens, realizando uma leitura ampla, multidimensional do mundo e dos elementos que o rodeiam.



Sendo assim, dado o caráter multimodal do cinema, acredita-se que práticas de leitura que envolvam a relação de obras literárias com suas respectivas adaptações cinematográficas podem constituir um importante meio para atrair os jovens para a literatura, pois a análise comparativa das diferentes linguagens narrativas (literária e cinematográfica) e o estudo, mesmo que superficial, de sua pluridimensionalidade, podem ajudar no desenvolvimento do senso crítico do aluno, além de servir de estímulo à imaginação e à criatividade.

No que tange ao estudo comparativo das obras, não se trata, porém, de determinar a fidelidade à obra original como única perspectiva de análise, mas de entender que são linguagens diferentes e que, conseqüentemente, possuem características diferentes. Dessa forma, a adaptação cinematográfica pode tornar-se original e ao mesmo tempo diferente da obra literária da qual se origina devido, justamente, à mudança na linguagem narrativa, no suporte e na forma.

A perspectiva da análise intertextual, por sua vez, possibilita uma olhar mais amplo enxergando a adaptação não como uma cópia cinematográfica, mas a obra original como ponto de partida, pois, segundo Stam (2008), é indispensável a realização de uma nova leitura, caso contrário não haveria necessidade de uma adaptação. Entender a mudança como um processo inerente entre a comunicação da literatura com o cinema é fundamental para o profissional que pretende trabalhar essas duas linguagens seja em sala de aula ou fora dela.

4. CONCLUSÕES

A partir das leituras realizadas, podemos concluir que, diante da democratização do uso da internet e de produtos multimídia, desenvolver o gosto pela leitura e descoberta do prazer de ler é um dos principais e mais ousados objetivos da escola, sobretudo dos professores de Língua Portuguesa, pois, em uma sociedade marcada por forte ligação com as imagens e referências visuais nas mais diversas situações de comunicação, faz-se necessário a formação de um novo tipo de leitor, capaz de interligar diferentes linguagens e, por meio do entrecruzamento ou comparação com outros textos, identificar novos sentidos e significados.

O cinema e a literatura, por sua vez, possuem uma forte relação na medida em que foram capazes de se apropriar das técnicas narrativas uma da outra para desenvolverem-se enquanto linguagem e arte de contar histórias. A partir da realização de práticas de leitura na perspectiva de se trabalhar o texto cinematográfico em contraponto à linguagem literária, é possível desenvolver habilidades de leitura e aproximar leitores iniciantes da literatura, pois a leitura mediada do texto



pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico, o poder de percepção e capacidade de identificação de pistas linguísticas deixadas propositalmente ou não pelo autor.

Sendo assim, espera-se que o presente trabalho contribua para o fortalecimento da discussão a respeito do desenvolvimento das habilidades de leitura, constituindo-se como subsídio teórico no que tange a elaboração de ações que visem se apropriar do cinema como ferramenta de incentivo à leitura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

FIGUEIREDO, V. L. F. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC/7letras, 2010.

GOMES, Laurentino. **1808 – Como Uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

_____. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

RAMONA. Direção: D. W. Griffith. Roteiro: D. W. Griffith; Stanner E. V. Taylor. P&B, 1910 (17 min).

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores**. Vol. 01, nº 01, Revista Eletrônica de



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

Educação de Alagoas, 2013, p. 92-101. Disponível em:
<http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a> Acesso em: 02/07/2016

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STAM, Robert. **A Literatura Através do Cinema: Realismo, magia e arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.